

LUIZ GAMA: ANTOLOGIA

LUIZ GAMA: ANTHOLOGY

Arthur Breno Stürmer¹

Resumo: Esta resenha apresenta a antologia de Luiz Gama, o advogado, jornalista e escritor abolicionista e republicano que ficou conhecido por emancipar mais de quinhentos escravos em plena monarquia. Os textos em prosa e verso retratam o defensor da justiça, liberdade, ética e dos princípios democráticos, em fins do século XIX. Editada pela Expressão Popular e organizado por Enid Frederico e Cláudia Campos – doutoras em Literatura Brasileira e em Letras, respectivamente –, a obra aborda temas atuais no cenário nacional, como o racismo, a segregação social e a exploração do trabalhador. Combinando humor e crítica, os textos contribuem para a reflexão no campo da literatura, economia, política e sociedade, especialmente quando enfatizam os interesses de classe, a distinção pela cor, as posturas autoritárias e o conservadorismo que ainda acompanham a sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Escravidão. Justiça. Racismo.

Abstract: The this review features the anthology of Luiz Gama, the abolitionist and republican lawyer, journalist and writer who was known for emancipating more than five hundred slaves in the midst of the monarchy. The texts in prose and verse portray the defender of justice, freedom, ethics and democratic principles at the end of the 19th century. Edited by Expressão Popular and organized by Enid Frederico and Cláudia Campos – PhDs in Brazilian Literature and Letters, respectively – the work addresses current issues on the national scene, such as racism, social segregation and worker exploitation. Combining humor and criticism, the texts contribute to reflection in the field of literature, economics, politics and society, especially when they emphasize class interests, distinction by color, authoritarian postures and conservatism that still accompany Brazilian society.

Keywords: Slavery. Justice. Racism.

FREDERICO, Enid Yatsuda; CAMPOS, Cláudia de Arruda (Orgs.). **Luiz Gama:** antologia. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

A obra “Luiz Gama: antologia” traz textos em prosa e verso de um “grande cidadão” e “exemplo ímpar de brasileiro”, que se dedicou à abolição da escravatura e à difusão dos ideais republicanos. Os artigos que publicou em jornais da época e os poemas de seu primeiro livro vêm agora ao público como “um convite ao movimento das liberdades, à

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: arthur.sturmer@gmail.com

STÜRMER, Arthur Breno. **LUIZ GAMA: ANTOLOGIA.**

luta por dias melhores, à busca de justiça, de alimento para todos, da erradicação da pobreza, das explorações” (OLIVEIRA, *in* FREDERICO e CAMPOS, 2021, p. 19).

A antologia compõe-se de textos datados de 1859 a 1880 em um volume compacto de cento e vinte e sete páginas, organizados por Enid Frederico e Cláudia Campos – doutoras em Literatura Brasileira e em Letras, respectivamente – e prefaciada por Sílvio Roberto dos Santos Oliveira, professor titular de Literatura Brasileira da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A edição, inédita, é da Expressão Popular, que diz estar “na batalha das ideias” e anuncia, em sua loja virtual, o compromisso com “a construção de um mundo mais justo”.

A primeira parte é dedicada aos artigos de jornal: são em número de dez, entre cartas e textos dirigidos a personalidades públicas. A segunda parte contém trezes poemas do autor publicados originalmente em *Primeiras trovas burlescas de Getulino*. Tanto um quanto outro gênero ocupa cinquenta e três páginas da obra, ordenados de acordo com a repercussão obtida que obedecendo à ordem cronológica de sua produção. Salientam-se o recurso ao humor como instrumento de reversão do olhar crítico, a sátira, a lírica com gracejo e o que hoje denominaríamos de humor inteligente, mas nada sutil, do homem culto.

De modo geral, “Luiz Gama: antologia” faz coro à justiça, liberdade, ética e democracia a partir de temas candentes no fim dos oitocentos. Perpassam-lhe os principais problemas da economia e a sociedade do século XIX, dentre eles o debate sobre a monarquia e a república, o trabalho escravo e a emancipação do negro, enfim, entre o despotismo e a liberdade. Deste contexto se originaram as inúmeras cartas em defesa do abolicionismo e as poesias em tom de indignação com a injustiça que cercava a escravidão.

O primeiro texto – uma carta endereçada a Lúcio de Mendonça – é uma brevíssima autobiografia que expõe a razão de sua vida pública destacada: “promover processos em favor de pessoas livres criminosamente escravizadas; e auxiliar licitamente (...) alforrias de escravos” (GAMA *in* FREDERICO e CAMPOS, 2021, p. 27).

O segundo texto veicula a opção ético-política do autor, então advogado provisionado (rábula): “O homem que escraviza outro homem sobrepuja o assassino: é um fraticida abominável” (GAMA *in* FREDERICO e CAMPOS, 2021, p. 30). Este posicionamento forte e decidido em carata ao Comendador José Vergueiro vem junto à crítica da concepção de democracia constitucional da Sociedade Democrática Limeirense, isto é, aquela presa à formalidade da lei: “A democracia é a liberdade objetivada e tornada lei social;

STÜRMER, Arthur Breno. **LUIZ GAMA: ANTOLOGIA.**

a liberdade é um ditame eterno e imutável promulgado por Deus. Limitá-la é uma heresia audaz e perigosa.” e, mais adiante: “A democracia é o misterioso verbo da encarnação social, é a alma coletiva da humanidade; fora temerária insânia comprimi-la nas páginas humildes de uma Constituição.” (GAMA *in* FREDERICO e CAMPOS, 2021, p. 34).

O terceiro texto, um artigo ao “Correio Paulistano”, em 20 de novembro de 1869, guarda, assim como outros, valor histórico para a história da advocacia no Brasil. Trata-se da resposta à sua demissão do cargo de amanuense da Secretaria de Polícia de São Paulo:

Declarei que prosseguiria sempre, a despeito da *demissão*, da *prisão* e da *deportação* que, mais de uma vez, fora objeto de íntimos colóquios no gabinete presidencial... Eu advogo de graça, por dedicação sincera, as causa dos desgraçados; não pretendo lucros nem temo violências. (GAMA, *in* FREDERICO e CAMPOS, 2021, p. 38, grifo do autor).

Os demais textos revelam a intransigente crença na lei e na atuação dentro dos marcos legais, mas não de olhos fechados, seja diante da acusação de capitanear uma insurreição de escravos, em pleno ano de 1871:

Aconselharei e promoverei, não a insurreição, que é um crime, mas a ‘resistência’, que é uma virtude cívica, como sanção necessária para pôr preceito aos salteadores fidalgos, aos contrabandistas impuros, aos juízes prevaricadores e aos falsos impudicos detentores.” (GAMA, *in* FREDERICO e CAMPOS, 2021, p. 45).

Seja frente à crítica aberta de um jornal – “Província de São Paulo” – aos “propagandistas da abolição da escravatura”: “Lembrem-se os evangelizadores do positivismo que nós NÃO ATACAMOS DIREITOS; PERSEGUIMOS O CRIME” (GAMA *in* FREDERICO e CAMPOS, 2021, p. 66, grifo do autor).

A antologia segue no mesmo ritmo com a poesia, como em “Quem sou eu?”, questionando os magistrados que vendem a lei e traem a própria justiça, ou em “Minha mãe”, descrevendo quem “Era a mais linda pretinha / Da adusta Líbia rainha / E no Brasil pobre escrava!” (GAMA *in* FREDERICO e CAMPOS, 2021, p. 119).

Por fim, “Luiz Gama: antologia” consegue traçar com maestria o perfil do advogado, jornalista e escritor abolicionista e republicano, ex-escravo, que ficou conhecido por emancipar mais de quinhentos. Seu feito lhe valeu a inscrição póstuma na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em 2015, 133 anos após sua morte. Hoje pode ser chamado “Doutor” Luiz Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882), tal como diz o título recebido em junho

STÜRMER, Arthur Breno. **LUIZ GAMA: ANTOLOGIA.**

do corrente – o primeiro concedido pela Universidade de São Paulo (USP) a um brasileiro negro, por unanimidade, ou seja, com peso “para vários campos do saber”. Alguns preferem apenas “Doutor Gama”, como o cinema o retratou em 2021.

Recebido em 01/11/2021
Aprovado em 20/12/2021